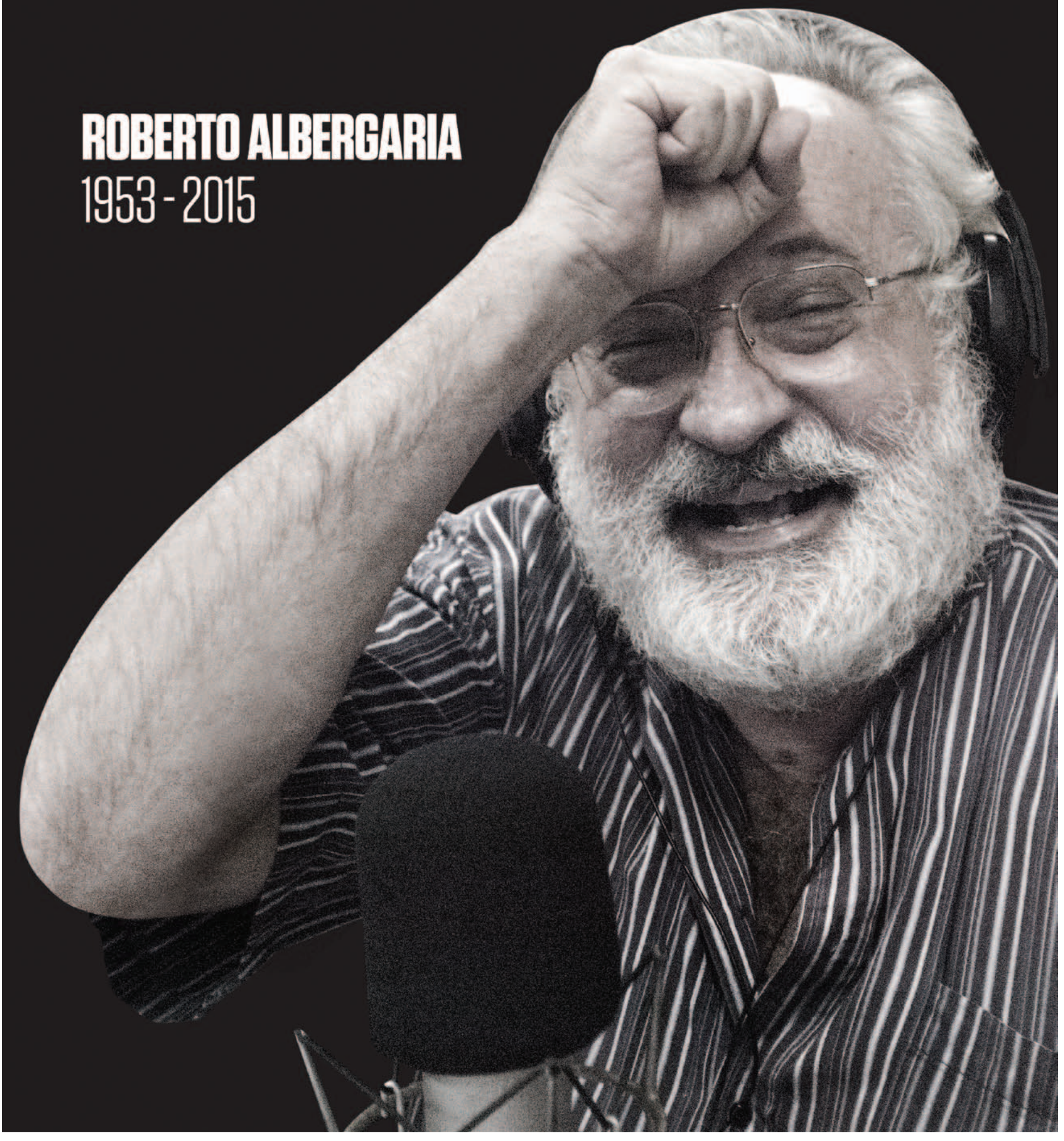
jornal da
Metrópole
Salvador, 09 de julho de 2015

ROBERTO ALBERGARIA
1953 - 2015



rafael manga/fotos do leitor

DESMATAMENTO EM PERNAMBUÉS

O leitor Rafael Manga procurou a **Metrópole** para denunciar o desmatamento no bairro de Pernambués, em Salvador. "A nova administração do Condomínio São Judas Tadeu está desmatando a área. Segundo moradores, não houve nenhuma reunião para explicar qual o motivo da operação", reclama. Alô, Sucom, vamos prestar atenção!

ricardo barreto/fotos do leitor

CRIADOURO DE MOSQUITO

No bairro da Barroquinha, uma construção inacabada se tornou mais um foco de dengue na cidade. O flagra foi feito pelo leitor Ricardo Barreto e, segundo ele, a população contribui para o descaso jogando garrafas e diversos tipos de lixo no local.

anonimo/fotos do leitor

LAVA-JATO TRANSALVADOR? NÃO, PERAÍ

Quem passa pelo bairro de Castelo Branco pode até pensar que a Superintendência de Trânsito e Transporte do Salvador (Transalvador) está diversificando as áreas de atuação e investindo em outros estabelecimentos, mas não é bem isso. "Um lava-jato clandestino que usa um um gelo baiano da Transalvador como sinalização", conta um leitor que preferiu não se identificar. De acordo com ele, a cara de pau é tamanha que o equipamento comprado com o dinheiro público fica posicionado bem no meio da rua, em frente à principal praça do bairro.

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor **Felipe Paranhos**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész**
Editor de Arte **Paulo Braga**
Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Bárbara Silveira**
Revisão **Felipe Paranhos**
Fotos **Tácio Moreira**
Produção Gráfica **Evandro Brandão**
Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Jornal da Metrópole
Grupo Metrópole
Rua Conde Pereira Carneiro, 226
Pernambués CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000

americo campos/fotos do leitor

DE NOVO, EMBASA?

Desde junho, o leitor Américo Campos tenta — sem sucesso — resolver o seu problema com a Embasa. Quatro protocolos foram abertos solicitando uma solução para um bueiro que não para de vazar água, mas nenhuma resposta foi dada. "Não está prejudicando só nossa casa como toda a Rua Rodolfo Pimentel, já tendo ocorrido acidente", reclamou.

joceval sales/fotos do leitor

FECHANDO A CALÇADA

"Em plena luz do dia, diversos carros de cimento em fila um atrás do outro, mais ou menos uns oito atrapalhando os pedestres de passarem pelo local", reclama um leitor que preferiu não se identificar. Segundo ele, ao tentar passar pelo local, ele foi informado pelos trabalhadores que a passagem era proibida. Empresa privada proibindo acesso à calçada? "Fica no Costa Azul, em frente ao restaurante Conversa Fiada", denuncia.

xicu sales/fotos do leitor

ESTRADA?

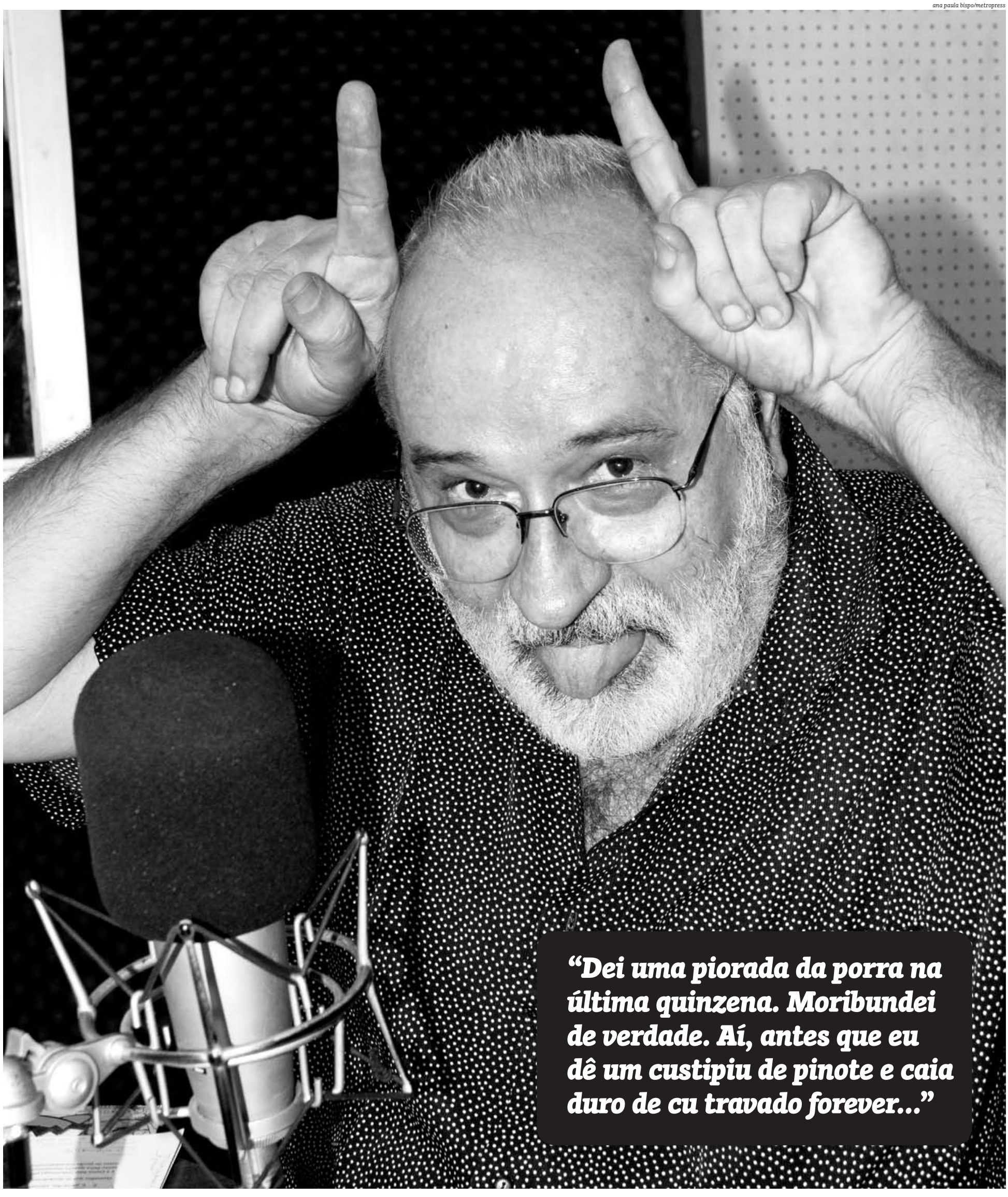
Mais conhecida como Estrada da Base Naval, a BA-528 não se parece em nada com uma estrada. Com crateras a cada metro, o local expõe o motorista ao perigo constante. Segundo o leitor Xicu Sales, nem mesmo os ônibus conseguem trafegar pelo local, que fica na Região Metropolitana de Salvador, com segurança. Até quando?

ana noleto/fotos do leitor

CADÊ O DONO?

A leitora Ana Noleto denuncia um carro abandonado há mais de um mês na Rua Ararenda, Parque Bela Vista de Brotas. "Por favor, avisem ao Detran", pede a moradora da região. Na verdade, o assunto é com a Transalvador, então repassamos o pedido da leitora!

ana paula bispo/metropress



“Dei uma piorada da porra na última quinzena. Moribundei de verdade. Aí, antes que eu dê um custipiu de pinote e caia duro de cu travado forever...”

A RÁDIO-MAMÃE SE DESPEDE

Os cornos-novos e as calçoludas da Metrópole homenageiam seu maior filho, Roberto Albergaria — o nosso Albreguinha —, que nos deixou na última sexta-feira

Fotos ***Tácio Moreira***
Texto ***Felipe Paranhos e Bárbara Silveira***
redacao@jornaldametropole.com.br

daniele rodrigues/metropress

A nossa arenga de hoje é sobre você, Albergaria.

É sobre nos arrepender um pouco de termos cobrado que você terminasse logo as centenas de longuíssimos comentários que você fez por tantos anos na **Rádio Metrópole**.

É sobre desejar ter dado algumas páginas a mais da **Revista Metrópole** para que seus artigos fossem lidos pelo público na íntegra, e não cortados pelos olhos dos editores que precisavam encaixar o pensamento perspicaz e a poesia picante das palavras baianas num espaço pré-determinado.

É sobre nos perguntar se não deveríamos ter aproveitado melhor a ausência de limites da internet para fazer ecoar seu raciocínio para atingir ainda mais gente.

É sobre não saber estimar quanto conhecimento a Bahia perdeu. Sobre quanta genialidade sua foi simplificada pela imprensa sob o genérico nome de "polêmica".

Nossa arenga de hoje é sobre saudade, Albreguinha.

Mário Kertész

Eu avacalhava com ele, com muito respeito, amizade e com o carinho enorme que ele sabe que eu tenho por ele. E a admiração enorme pela inteligência, pela coragem dele de enfrentar tantas coisas. Brigava com ele porque eu achava que ele se descontruía muito, numa tentativa de se desconstruir, mesmo.

Ele, quando fazia comentários sérios, não tinha ninguém que tinha a cultura, a inteligência e a perspicácia dele. mas Albergaria era um anarquista com ele mesmo. Ele sofreu muito no regime militar, foi preso, torturado, ficou com dificuldades de locomoção sérias que com o tempo foram se agravando, e eu tinha certeza que a Rádio Metrópole era o grande bálsamo da vida dele.

Ele ficava a semana escrevendo, e eu às vezes o apressava. Dizia: "Finalizando..." Mas, no fundo, comigo mesmo, eu dizia: "Ele passou a semana escrevendo isso, tantas coisas inteligentes". E eu tenho certeza que durante muito tempo a Rádio Metrópole foi a razão da vida do professor doutor Roberto Albergaria. Tenho certeza disso. Aqui, Aragão brincava com ele dizendo que ele era o manco, eu chamava ele de viado, e ele gargalhava. Era impressionante aquela imensa capacidade dele de rir. Enquanto hoje a gente chora.

Agora, nas nossas segundas à tarde, não vão estar aquela cadeira de rodas, aquela irreverência, aquela coisa boa de denunciar a hipocrisia da gente. Que sujeito inteligente, culto. Com uma capacidade de análise extraordinária.

Albergaria foi uma figura que marcou a nossa vida, os nossos 15 anos. Ele foi um grande colaborador da Revista da Metrópole, do Jornal da Metrópole, da rádio toda. Cansava de dar palpite, opinião... Fazia questão de chegar aqui, trazer coisas pra mim, sempre tudo preparadinho no plástico, num classificador, tudo muito arrumado. Era uma figura.

Viva Roberto Albergaria. Viva. Ele vai viver em nossas mentes e em nossos corações.

ana paula bispo/metropress

valter pontes

ARTIGO

ADEUS, MESTRE PUTOSO

O professor Roberto Albergaria, vencido pela solidão dos gênios, nesta sexta-feira, aos 63 anos, amava os mais jovens e tudo o que era novidade. Fosse com cornos-novos ou calçoludas, como ele costumava se referir, demonstrava grande prazer em transmitir conhecimento e – mais do que isso – em acender a fagulha da irreverência em todos aqueles que ainda são calouros nessas artes do livre pensar.

Albergaria era daqueles raros com quem é suficiente uma ou duas conversas no ano para ser abastecido com opiniões geniais, motivadoras – brilhantismo no estado bruto. Em diatribes intermináveis na Rádio Metrópole, em e-mails caóticos, longos, com pontuação acelerada, em que assinava ora como Dr. Abelhão, ora como Albreguinha, ele sempre surpreendia com o avesso do óbvio.

A recente aparência de imperador excêntrico, com barba e cabelos longos e brancos, era a coroação do seu patrimônio intelectual. Daqui a 50 anos, quando tudo o que Albergaria falou e escreveu for entendido e absorvido, e não apenas interpretado como sandices ou polêmicas de um velho solitário, daqui a 50 anos, as homenagens virão justas e devidas a um baiano à frente do seu tempo. Sempre que um desses desaparece, nosso estado fica menor, assim como nossos corações.

Albergaria admirava os jovens e demonstrava isso com generosidade incomum aos eruditos e esperada dos sábios. Havia amor tanto ao aceitar quanto ao recusar orientandos em faculdades, porque as duas atitudes eram movidas pela mesma razão: ele precisava entrar e transformar mentes jovens e desconfiava que em algumas delas não seria bem vindo.

A ele devo o alerta, quase paternal, para desconfiar de ideologias políticas, quaisquer ideologias políticas, pois elas estavam sempre a serviço de homens – infalíveis apenas na arte de auto-favorecimento. A ele devo as entrevistas mais irreverentes, cheias de significados ocultos e entrelinhas. O que o professor falava não se encerrava no ponto que dificilmente dava ao começar seus quase-monólogos. Tudo aquilo continuava a ecoar na cabeça, sempre provocando, sempre exigindo reflexões. Tentar alcançar a agudez de raciocínio de gente assim, mais do que desafio, é aprendizado.

O mais debochado de todos os intelectuais, o mais culto de todos os bregueiros, se apropriava das expressões populares sem soar artificial como um acadêmico que canta pagode. E também era especialista em neologismos: gostava de se chamar putoso (contração de putão e idoso) da Península Itapagipana, de onde observava, com acuidade sociológica, piriguetes, mizeravonas, nigrinas ozadas e todas as variações das musas da baianidade. Tudo com uma forma displicente de conjugar o gerúndio – como quem não quer dar na pinta que é culto —, cê tá intendenu?

Albergaria era versátil. A quem buscasse uma frase polêmica para uma manchete, ele presenteava, a quem buscasse uma análise apurada de um fenômeno social, ele cedia – mas só depois de testar o interlocutor com anedotas, picuinhas, fofocas e comentários de duplo sentido. Como quando reagiu a uma proposta de elevação do nível intelectual dos protagonistas da mídia no estado. "A comunicação baiana é uma calça perdida... Melhor deixar todo mundo de rabo de fora mesmo", vaticinou ele, sempre fatalista.

Provocativo e mordaz, poderia encerrar uma mensagem com "um pícaro abraço do Dr. Abelhão (peru-de-redação)" e depois ficar longos anos sem mandar notícias. Vai ser difícil passar sem notícias suas, sem suas improváveis sugestões de pauta, sem seu jeito de dizer que tudo ia dar errado, porque era sua forma de torcer para que tudo desse certo. Adeus, mestre putoso.

Pablo Reis,
jornalista

** texto originalmente publicado no Blog de Pablo Reis, no Aratu Online*

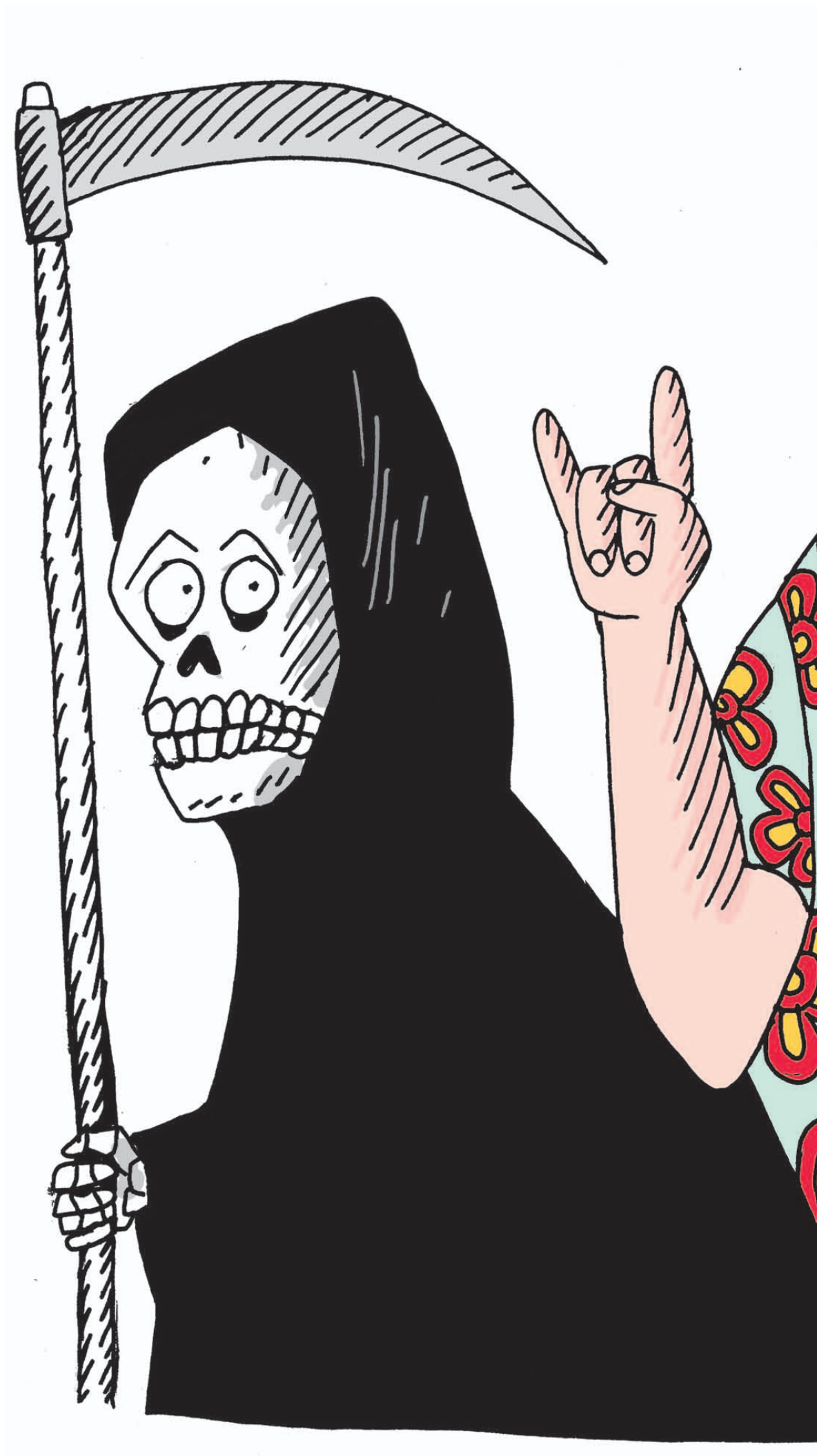
iracema chequer/ag a tarde

Cleidiana Ramos,
jornalista

Praticamente todas as vezes que eu ligava, tinha uma pegadinha. Uma das piores: eu tive lá pra pegar uns livros, porque eu ia preparar um caderno especial do 20 de novembro [dia da Consciência Negra]. E eu ainda não tava muito acostumada às maluquices dele. Quando cheguei lá, ele disse que só daria o livro com uma condição: que eu contribuísse com o livro de ouro da posse do professor Ubiratan Castro como imortal na Academia de Letras da Bahia. Aí eu: "Mas professor, eu não tenho condição nenhuma". Ele: "Minha filha, você tem aí um vale alimentação?" Eu: "Não". "E vale transporte?" "Ah, o vale transporte eu tenho". "Então serve". "Mas que loucura..." "Bora, minha filha! Ou você dá o vale transporte e assina nesse livro ou eu não dou os livros". Passam-se alguns dias e eu ligo pro professor Ubiratan pra entrevistá-lo. Eu ainda não tinha intimidade com ele, e ele disse assim: "Eu queria lhe agradecer". "Por quê?" "Pela sua contribuição do vale-transporte. Só vai ser um pouquinho difícil eu passar na catraca do ônibus, por causa do meu corpinho, mas tudo bem..."

Os emails começaram na época do fax. Eu recebia no jornal documentos de fax enormes, e ele desenhava uma mão com o dedo apontado pros trechos que eu tinha que destacar. O último email dele eu recebi na terça-feira. E bem no estilo. Foi um email me dizendo que estava muito mal de saúde, mas mesmo assim ele não deixou de fazer as brincadeiras. Tem um trecho do email em que ele diz o seguinte. "Dei uma piorada da porra na última quinzena. Moribundei de verdade. Aí antes que eu dê um custipiu de pinote e caia duro de cu travado forever...". Ele continua dizendo que tinha deixado um livro pra mim. Mais pra frente, ele diz que tá deixando aquilo porque eu não apareço por lá e que é muito difícil eu descer praquelas bandas porque eu sou uma "marmotinha metida a gás com água"...

HOMENAGEM DO CHARGISTA SIMANCA



osmani simanca/agencia a tarde

divulgação

Pablo Reis,
jornalista

Albergaria era um intelectual, um homem culto, um pensador do cotidiano da Bahia. Só que fora dessa imagem que acompanhamos como ouvintes, leitores e alunos, ele era um homem extremamente generoso, capaz de passar por cima de qualquer título acadêmico dele ou qualquer distinção intelectual pra render uma homenagem a alguém que ele considerasse talentoso ou promissor, coisa que é bem rara de se perceber aqui na Bahia — sobretudo no ambiente acadêmico.

Apesar do jeito esculachado e anárquico, da forma caótica com que ele escrevia os emails, do jeito peculiar, singular... Por trás disso tudo, da capa de niilismo sobre as coisas do cotidiano, ele era um homem muito afetuoso. Uma figura paterna.

Era um gozador que tirava sarro de todo mundo, mas era a forma dele, dentro da biografia dele, de não se machucar mais com coisas que já tinham machucado ele fisica e psicologicamente. Saber que amanhã eu vou pegar o telefone e não vou encontrar aquela voz meio fanha pra me dar uma opinião ou pra pedir alguma informação histórica... É uma perda inestimável.

Os emails de Albergaria em algum momento ainda vão ser peças de museu. São bem reveladores da personalidade dele. Ele gostava de cultivar a solidão, mas fazia questão de manter um contato virtual, exercendo uma coisa que ele fazia muito bem, sem autoritarismo, que era a ascendência intelectual sobre as pessoas. Era muito bom você perceber que tinha alguém muito capaz, muito inteligente, com quem poderia contar para debater algum assunto, pra ouvir alguma história.

E ele era muito verborrágico. Na rádio, ninguém conseguia deter Albergaria. Nas conversas, eram discursos de Fidel Castro. Mas ao mesmo tempo, era tão prazeroso que ninguém se interessava em interromper. Eram aulas. Ainda bem que os emails ficaram.

“Quem quiser se irritar comigo que se rete, porque eu não tô indo nem chegando mais pra nada. Tô chutando o pau da barraca”

Roberto Albergaria

Malu Fontes,
jornalista

Albergaria, através daquele jeito amolecado dele, informal ao extremo, com linguagem popular, com palavrão no ar — que ele não tava nem aí —, nos fazia pensar de maneira inteligente, mas também gargalhar. O humor é uma das formas mais inteligentes de provocação. É ambíguo. É uma faca que entra sem machucar, sem cortar. E, neste sentido, Albergaria tinha um talento nato.

Eu me lembro recentemente de algumas polêmicas dele na rádio, no último Carnaval, essa questão em torno de Igor Kannário... Eu me lembro de como ele falava com humor, mas não contra as pessoas ou contra o próprio Kannário. Falava de como funcionam os mecanismos da cultura, do poder, do marketing eleitoral, em torno da apropriação do que está acontecendo. E ele fazia isso com muita picardia, com aqueles termos dele — miseravão, piriguete, putoso... Embora ele descontruísse essa linguagem teórica dos livros, ele era extremamente lido, um homem culto, bem-informado. O que ele fazia era desconstruir a linguagem; ele transformava em uma coisa aparentemente chula, mas o conteúdo dela de chulo não tinha absolutamente nada.

Eu vou sentir muitas saudades. A gente tinha um afeto pessoal de mais de 27 anos. Eu tinha um carinho muito grande por ele. Uma espécie de professor mais velho. E olha que ele não era tão mais velho assim. Parecia, mas era novo do ponto de vista etário. É muito triste saber que pessoas que têm determinadas características são insubstituíveis. Do ponto de vista da universidade, da academia, dos meios de comunicação, quem é capaz de fazer uma leitura crítica da sociologia e do comportamento cotidiano como Albergaria? E coragem também. Ninguém quer se queimar. Todo mundo quer ficar bem com todo mundo, todo mundo é politicamente correto, tem medo das patrulhas. Ele ligou o foda-se para as patrulhas há muito tempo. E isso merece reverência. Hoje, é uma coisa quase judicializada. E ele fazia isso sem ofender ninguém. Não me lembro de Albergaria ofender ninguém. Ele fazia isso com humor, e não com ofensa.

O VEREADOR E A VINGANÇA A WALY SALOMÃO

Em junho, Albergaria escreveu um email a Mário Kertész, pedindo que este fosse encaminhado a Fernando Guerreiro, presidente da Fundação Gregório de Matos — à época pressionado pelo vereador Arnando Lessa, que tentou transformar em escândalo uma declaração de Guerreiro na Metrópole sobre vereadores que pediam "R$ 10 mil por debaixo do pano" à Fundação.

daniele rodrigues/metropress

From: alberguinha@uol.com.br
Subject: o quiproquó de ASNANDO Lessa
Date: June 11, 2015 at 8:38:18 PM GMT-3
To: [redacted]
Cc: [redacted]

ssFernandinho,

Acho que este Arnando Lessa quer mais que tirar onda de defensor de araque dos "cole-guinhas".

Não sei se ele tinha bronca com Mário no passado...

Mas pode ser que queira se vingar -- tardiamente -- do finado Wally Salomão.

Pois na poesia BAHIA TURVA, Wally o chama de ASNANDO Lessa... Talvez como simbolo da nossa mediocridade municipal (especialmente política).

Veja como o finado o poetou no link: http://jeitobaiano.atarde.uol.com.br/?p=198

Também, pra se defender do que vosmicê do que teria insinuado (no audio não fica claro que é o vereadinho que é o "acachacador" dos 10.000 réis), use a idéia, também de Wally) de que a verdaeira padroeira da Bahia seria NOSSA SENHORA DO EMPATA-FODA

Veja a citação desta expressão no final do artigo de Totonho Risério:
http://osvaldocampos.blogspot.com.br/2010/10/caricatura-d e-waly-salomao-criada-por.html

Se lembre que a melhor defesa é o ataque. E coloque como suspeita a escuta enviesada que ele fez das suas francas e bem-humoradas palavras. E questione também a razão de tamanha indignação..Será porque ASNANDO ainda quer (por pessoa interposta) se vingar do defunto Wally -- que tão bem representava o espírito desassombrado da Fundação de outrora?

Ou sera que ele quer -- juntando tudo -- reeditar o episódio de Cid Gomes, que foi demitido do MEC há pouco tempo por ter dito, numa conversa também solta, que os deputados eram "achacadores"? Além de criticar a interpretacão seletiva de ASNANDO, sua fanfarronice de Moça Virgem em Casa de Tolerância (a Câmara), retome essas sábias palavras de Wally com toda a ironia que v. tem.

Este é o palpite deste seu amigo e "coligado" do PNN -- Partido da Nigrinhagem Nacional. O maioral! E se cubra, pq. o cara é chantagista (além de ser Petista Vira-Folha de conveniência, olhe a folha corrida dele).

E se esse Judas te pegar pra Cristo, o corno brabo vai te encher o saco (perda de tempo retado, pra quem é um semi-idoso como você, que já está queimando o penúltimo cartucho.... da sua derradeira lucidez... e já minguante viripotência...)

Roberto Albergaria

ulisses dumas/metropress

Paulo Fábio Dantas,

cientista político

É costume considerar Albergaria um anarquista. Mas sua estrutura mental, o cerne do pensamento, não era. Albergaria era um cético que desenvolveu um espírito crítico aguçadíssimo, que o fazia desconfiar de todas as crenças e recusar qualquer idolatria.

E se a dúvida é o ponto de partida para o conhecimento, ele foi um conhecedor como poucos da vida e do mundo. O tom de pilhéria era na verdade um instrumento que ele manejava com muito talento para não permitir que sua razão pessimista o transformasse numa pessoa áspera, desagradável, muito pelo contrário. O tom era o formato através do qual ele fazia passar a crítica que provinha da sua profunda razão cética, sempre disposto a desconstruir todas as coisas que pareçam perfeitas.

Em 1991, em um debate promovido pela então vereadora Beth Wagner, ele foi para a mesa debater o livro de uma intelectual feminista. E cabia à autora fazer uma exposição inicial. E ela, imaginando, talvez, que o auditório já a conhecia bastante, falou só cinco minutos, numa atitude pouco cuidadosa com a plateia. E seguiu-se a isso a fala de Albergaria. Ele fez uma crítica no tom que nos acostumamos a ouvir. E virou o centro da cena. No meio do caminho, a autora percebeu que tinha cometido um erro ao ser tão sucinta e lacônica, e precisou, depois de Albergaria, fazer a palestra que deveria ter feito na abertura. Foi a primeira vez que eu o vi roubar a cena de um espaço em que ele seria só coadjuvante.

"Quando você entra na Igreja do Bonfim, de um lado tem uma grande pintura que representa a morte do justo — quer dizer, a morte de Albergaria. E do outro lado, a morte de Abraão, que é a morte do pecador"

Roberto Albergaria

reprodução/facebook

Juliana Cunha,

jornalista e escritora

Quando conheci Albergaria, tinha 18 anos e acabara de sair da casa de minha mãe. Estava encantada com a ideia de ter uma casa. Ele ficava muito preocupado com isso. Achava que era importante não se fixar tão cedo, não ter um apego físico à casa. Antes de tudo, era importante não "juntar papel". "Quando você junta papel, minha filha, aí que você não vai embora nunca mais, fica lá, lambendo seus papéis".

Como se fossem os papéis que o prendiam à Bahia.

Já aos 20, minha casa no 2 de Julho, repleta de papéis, sofreu uma infestação de cupins. Albergaria me ensinou a lidar com os cupins do jeito que ele lidava com a vida. "Você compra umas estantes de ferro e deixa todas a um palmo da parede. Na minha casa fica tudo em estante de ferro, roupa, livro. Ao redor, os cupins fodem com tudo, mas não conseguem alcançar as estantes". O problema, dizia ele, era se você se descuidava e deixava um livro mal posicionado na estante de modo a tocar a parede. Se fizesse isso, o livro funcionava como uma ponte e os cupins invadiam a estante de ferro.

Fui lidando com os cupins como me foi ensinado até o dia em que os bichos comeram a porta do banheiro, que despencou, e me mudei para São Paulo.

Quando soube da morte do professor, fiquei muito triste e me peguei pensando se o problema não seria que os cupins finalmente aprenderam um jeito de fazer a ponte até as estantes. Ou se foi ele que se cansou de manter aquele palmo de distância entre o que há muito já infestava a casa.

"A morte, essa piriguetona ladrona que irá roubar os últimos centavos que me restam de vida"

Roberto Albergaria

"BILHETE" DE ALBERGARIA A LINDA BEZERRA (CORREIO*)

Em 2006, empolgado com um perfil da então suplente de vereadora Milena Silva, Albrega escreveu um "bilhete" — só ele pra escrever um desse tamanho — para Linda Bezerra, então chefe de reportagem de cidades no jornal Correio da Bahia. Um mês depois, ele participaria de uma entrevista engraçadíssima na Metrópole com Milena, da qual até se candidatou a marido. O texto, como sempre, é delicioso:

De: "alberguinha" <alberguinha@uol.com.br>
Data: 05/11/2006 16:17
Assunto: Resposta Desaforada de Putoso!
Para: [redacted]

Senhora Redatora Miseravona,

Mais uma vez, o galante gazetista Pablo Reis arregaça! Que beleza o perfil da semana passada, aquele da danadinha da Mileninha. Além de ser um manhosíssimo Pirigueteiro na vida real (uma lábia irresistível, tanto para moças donzelas quanto para as já bolidas), Pablito revelou-se, igualmente, como um entendidíssimo Piriguetólogo: um autêntico discípulo do explicudo Dr. Milton Moura.

A Facom está em festa! Também, o topetudo prof. Albino, seu ex-mestre e sexy symbol incubado regozija-se!

"E que elevadíssimo esprit de finesse!": exclama o fofuxo Jean Willys, seu antigo companheiro daí da Folha-de-Repolho-do-Cabeça-Branca e orientador das suas gozozas leituras adolescentes, ainda naquela rapariguenta Alagodé City onde nasceram e cresceram juntinhos...

E quanta pícara ousadia em peitar a legião de Calçoludas que imperam entre nós -- nas redações das gazetas, nas faculdades de comunicação e, mesmo, em seu próprio lar. Nosso querido Varão Pablão é um cornista, digo, um cronista que não mia em serviço! Lascou o perfil da Apetitosa de banda, que nem Zé Binho!

Isso é que é exemplo de sensibilidade machulina e arrojo moral – picardia que deveria inspirar seus colegas mais mofinos de geração: como os "homeletes" Flávio (Docinho) Novaes, Cláudio (Jacaré) Leal, Elieser (Arame Liso) César e, até, Marcinho (Lanchinho-do-Meio-Dia) Magalhães, da Rádio Mamãe – todos bons de dedo & língua, mas tão mansinhos... Sem falar no presepista Zé (Será-Que-É?) Eduardo, cafuringa de cuequismo duvidoso...

QueDeus(oDeusãoRetadãodosPutões,oPica-GrossadoUniverso)abençoeestecuringosoperiodista.Eprotejasuafirmeviripotênciamentalcontraasmáslínguas,contraosolhosinvejososdosvelhotesBagos-Molese,sobretudo,contraasmãos-bobasmaisencaiporadasdosmembrosdasuarodinhadesalta-pocinhasdoPortodaBarra(jacarezinhosgulosinhosdasuaalegrecompanhiaque,também,mereceriamumperfilsub-aquático...).

É esta a sapientíssima opinião deste Putoso (Putão Idoso?) Peruzão-de-Redação.

Roberto Albergaria

HOMENAGEM DO CHARGISTA

Cláudio Leal,

jornalista

Albergaria era, em primeiro lugar, um guru para todos os amigos, mas um guru inusitado. Ele dava esporro, contestava, escrevia cartas caudalosas para complementar suas ideias quando os e-mails e telefonemas não davam para dizer tudo. Então, ele era bem um anarquista alegre, que primeiro desconfiava de si próprio para depois desconfiar dos outros.

Ele tinha um certo prazer em desmanchar ilusões partidárias, hipocrisias sexuais, e os comentários dele na Metrópole davam muita conta disso. E ele acabou se tornando um intelectual público dos mais importantes de Salvador. E

SIDNEY FALCÃO

também tem outro aspecto: por trás dessa fachada, ele escondia uma alma muito solidária e generosa. E, em muitas coisas, um homem até puro, com algumas ingenuidades em relação a algumas pessoas.

Eu morava no Bonfim, muito perto dele, e ia muito lá. Como amigo, a morte dele foi como se um telefonema fosse cortado, uma carta que não vai ser mais respondida e que também não vai mais chegar, e uma saudade grande da gargalhada dele que era tão demolidora como qualquer coisa que ele falasse.

Albergaria tinha o costume de pregar certas brincadeiras nos amigos. Ubiratan Castro havia sido escolhido para a Fundação Gregório de Matos e disse que queria recuperar lá o espírito de um orador popular chamado Jacaré, que ficava em frente ao Palácio da Aclamação. E Albergaria colocou a mim e a Cleidiana Ramos para levar um jacaré inflável de uns dois metros para o gabinete de Ubiratan, só para sacanear. Eu e Cleidiana fomos na na rua Chile, passando a maior vergonha com o jacaré inflável...

Ele tinha um humor de uma erudição que eu nunca vi igual. Se a gente estava na redação precisando de uma pauta sobre por que as pessoas se sentiam incomodadas dentro de um elevador e ligasse para ele para saber se algum autor falava sobre isso, ele te dava uma bibliografia de cinco franceses que haviam estudado aquilo. E a casa dele era um outro mundo também. Era quase um gabinete de curiosidades.

Eu tive lá três semanas antes dele morrer, e ele estava um pouco angustiado por conta das dificuldades físicas. Mas não vi nenhum traço de depressão, era o mesmo anarquista alegre com muita vontade de viver. Mas ele não aceitava uma vida com restrições. Ele queria uma vida absoluta.

reprodução/facebook

Linda Bezerra,

jornalista

Como Albergaria era um grande observador da cidade, ele ajudava os jornalistas a traduzi-la. Ele tinha um olhar de estudioso, mas também carinhoso com Salvador. Minha relação com ele começou profissionalmente, era muito leve e bem alimentada. Às vezes, eu ligava para ele apenas para fazer uma observação do dia, para saber se ele já tinha um nome pomposo para determinado comportamento.

No enterro, encontrei uma senhora que não era professora da Ufba, não era colega dele, e chorava. Nós começamos a conversar e ela me disse que era vizinha de Albergaria na Pituba ainda, e que tinha ido ao enterro para se despedir, porque ele tinha transformado a vida dela. Ai eu perguntei como, e ela disse: "Ele me fez ver o mundo de uma forma diferente. Ele não era uma pessoa hipócrita, ele falava as coisas na sua cara e dizia o que pensava". Ver ali essa senhora comum como eu, que não era parente ou colega de trabalho, falando de como ele transformou a vida dela, me deixou um pouco mais aliviada, mais feliz. Menos triste.

"Os melhores epitáfios são os mais esculhambativos. São uma vingança contra a própria morte, que virá nos esculhambar de cabo a rabo, sem marcar hora nem lugar, na maior trairagem, na maior crocodilagem"

Roberto Albergaria

ACM Neto, prefeito de Salvador

"COMIGO NÃO TEM SACANAGEM COM RUI COSTA"

Prefeito destacou o bom relacionamento entre ele e o governador e os esforços para viabilizar o BRT

Fotos ***Tácio Moreira***

Em entrevista à Metrópole na última quarta-feira (8), o prefeito ACM Neto comentou as obras em andamento para melhorar a mobilidade urbana e infraestrutura da cidade e não deixou de lado o seu futuro na política. "Vamos iniciar a obra [para a implantação do BRT que ligará a Lapa à Ligação Iguatemi-Paralela] com recurso do empréstimo e vamos continuar com recursos do tesouro do município. A gente avança e, depois, quando o governo federal tiver liberado, a gente continua com recursos da União", disse o democrata.

Cobrado por Mário Kertész no ar, o ministro das Cidades, Gilberto Kassab, prometeu que o BRT vai sair "em breve", embora tenha escorregado em relação a dar um prazo.

"Quando Neto me visitou, deixou claro que tinha consciência dos desafios pela frente na mobilidade, e que queria se concentrar em apenas uma questão para que tivesse a maior agilidade possível. Graças ao foco, avançamos bastante e estamos na reta de chegada já. Qualquer investimento seja do PAC, privado ou orçamento da União, tem as negociações a serem feitas", falou o ministro.

"Vamos iniciar o BRT com empréstimo e continuar com o tesouro do Município"

LADEIRA DO CACAU REABERTA

Em 2011, a Ladeira do Cacau, que liga São Caetano ao Largo do Tanque, foi fechada para obras de reparos emergenciais. Porém, somente quase quatro anos depois, os moradores vão voltar a ter acesso ao local. "Quando eu cheguei na Prefeitura, a Ladeira do Cacau estava há dois anos interditada. Foi uma obra complexa, porque envolve contenção de encostas e escadas. E já vamos entregar a ladeira liberada para o tráfego, mas a obra em si só será inaugurada em 60 ou 90 dias, porque houve atraso com pequenas coisas", disse Neto.

PENSAR EM ELEIÇÃO? SÓ EM 2016

O prefeito afirmou que ainda não está focado na reeleição. "O sucesso ou insucesso eleitoral dependem de trabalho. O sujeito senta na cadeira e pensa no que vai acontecer quatro anos depois. Por isso, deixa de tomar decisões impopulares. Não fiz isso. Se eu não tivesse atualizado o IPTU na cidade, provavelmente a Prefeitura estaria quebrada nesse cenário de crise econômica", disse.

Sobre a tão falada saída do DEM, Neto deixou o futuro em aberto. "Uma decisão que tomei foi não fazer sozinho nem fazer só com meu partido. Estou conversando com PTB, PPS, PROS, Solidariedade, PRB, PSDB. A decisão vai vir dessa reflexão coletiva", falou.

max haack/agecom

Demorou, mas saiu: na última quarta-feira, a Ladeira do Cacau foi reaberta ao tráfego. O resto da obra deve ser liberada em 2 meses

RELAÇÃO COM OS VEREADORES: "ACABEI COM MUITA COISA ERRADA"

Sobre a sua relação com a Câmara Municipal de Salvador, Neto ressaltou a boa convivência e garantiu que, até hoje, não houve um projeto de grande importância que tenha sido reprovado pela Casa. "Eu instituí uma coisa que Salvador não estava acostumada, que é a independência do Legislativo. Eu converso com a oposição, com o líder da oposição, Suíca. Raramente tem um projeto aprovado sem sugestão dos vereadores. Acabei com muita coisa errada com pessoas que nem eram da Câmara", afirmou.

Ainda segundo o prefeito, o presidente da Casa, Paulo Camara, "tem muita liderança no Legislativo". "Estamos fazendo o projeto mais democrático que a cidade já viu de um Plano Diretor [de Desenvolvimento Urbano). Todos os documentos produzidos dividimos com a Câmara de Vereadores. Eles estão frequentando as oficinas. Quando o projeto chegar lá, vai ser diferente", completou.

> ***"Estamos fazendo o projeto mais democrático que a cidade já viu de um PDDU"***
>
> ***ACM Neto, prefeito de Salvador***

dfdfdfdff

O clima é dos melhores: em público, Neto e Rui trocam afagos; nos bastidores, o prefeito jura que a relação administrativa é mesmo boa

"O QUE INTERESSA É O CIDADÃO"

O prefeito negou qualquer tipo de rusga com o governador. "Desatamos um nó de 15 anos [o metrô]. Comigo não tem sacanagem, não tem casca de banana. Não fico aprontando para criar dificuldade, nada disso. O que interessa é o cidadão. Não vou deixar de cobrar quando for necessário, mas não vou prejudicar o andamento de coisas importantes na cidade por conta de diferenças partidárias", disse. Segundo Neto, houve de fato uma aproximação do ponto de vista administrativo. "E assim será até o último dia do meu mandato", garantiu.

E A FORÇA POLÍTICA DE DILMA?

Para o democrata, a crise econômica enfrentada pelo país tem sido uma prova de fogo para a presidente Dilma Rousseff (PT). Por isso, segundo Neto, faz sentido questionar a força política da petista. "Terá ou não a presidente Dilma força politica para atravessar e colocar o Brasil nos eixos? Não tenho resposta para isso e acho que o Brasil nunca viveu, de de Collor para cá, um momento tão complicado", opinou.

Ainda para Neto, a recessão da economia já afeta todas as classes sociais. "Eu vejo o quanto a crise afeta a população em geral. Começou na classe média, mas chegou no assalariado e no beneficiado por programas sociais", disse.

marcelo camargo/abr

INCENTIVO A LAZER E CULTURA

Incentivar a criação de novos meio de lazer e cultura, segundo Neto, é um dos principais objetivos do seu governo. Segundo o democrata, em breve o Shopping Bosque e do Parque dos Ventos, que substituirá o Aeroclube, será entregue.

"Estamos conversando com o consórcio pra garantir que façam obras públicas de contrapartida. O parque está em obras, a pista começará em breve, assim como as passarelas. Eu tenho conversado com o MP para mudar o prazo do empreendimento", disse.

Neto prometeu ainda estudar uma forma de ajudar o Museu Carlos Costa Pinto. "Não adianta ser uma coisa que a Prefeitura dê um apoio mensal. Tem que ser uma coisa mais estruturada", afirmou.

MAIS DE 1.000 OBRAS
POR TODA A CIDADE E PARA TODO MUNDO.

O maior programa de intervenções urbanas que Salvador já viu.

Com o programa Ouvindo Nosso Bairro, a Prefeitura recebeu milhares de sugestões em toda a cidade. Agora, com o programa Salvador Bairro a Bairro, estamos transformando as sugestões em realizações. São mais de 1.000 obras por toda a cidade e para todo mundo.